

HISTÓRICO DE CONFLITOS INTERÉTNICOS E A APLICABILIDADE DE LEI 11.645/08 NAS ESCOLAS DO POVOADO DE REMANSO

Marli de Sousa Rabelo

Universidade Federal do Maranhão, marly_rabelo@hotmail.com

Maria Gabriela Santos Paz

Universidade Federal do Maranhão, gabysa715@gmail.com

Ramon Luís de Santana Alcântara

Universidade Federal do Maranhão, ramon.lsa@ufma.br

RESUMO

O povoado Remanso, situado no município de Grajaú, Maranhão, tem população constituída por famílias assentadas oriundas de São Pedro dos Cacetes, após uma histórica disputa por terras, que envolveram os povos indígenas Tentehar. Segundo Coelho (2002), tais conflitos marcaram as relações entre índios e não-índios na região. Diante desse episódio histórico e tomando como premissa a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena, este trabalho tem por objetivo investigar como está ocorrendo a aplicabilidade desta lei nas escolas de Remanso. Utiliza-se como procedimentos metodológicos a observação e a entrevista com 04 professores de escolas públicas. Discute-se como resultados as falas dos professores que apontam para o desconhecimento da lei e para uma resistência em trabalhar conteúdos que tratem da questão indígena. Assim, este estudo aponta para a necessidade de se repensar a escola como esse espaço de fronteira étnica, que promova o diálogo intercultural.

Palavras-chaves: Lei 11.645/2008. Escola. Fronteiras étnicas.

INTRODUÇÃO

Pretendemos aqui analisar o ensino da história e da cultura indígena nas escolas de Remanso com base na Lei 11.645/08. Tendo em vista que a escola é um espaço de fronteira interétnica (BARTH, 1998) onde identidades são formadas, na escola há espaço para todos e todas e também há uma diversidade de raças/etnias e misturas, levando em consideração conflitos existentes no passado entre índios Tentehar e moradores de São Pedro dos Cacetes agora residentes em Remanso. A escola tem o papel de oferecer uma educação de qualidade para todos sem nenhuma distinção de raça, cor, sexo, etnia, buscando sempre a inclusão e não a exclusão.

Utilizei-me da proposta metodológica de observação e entrevista na qual fui a campo em busca de informações que pudesse proporcionar um apanhado de conhecimentos a fim de sintetizá-los nesse artigo.

BREVE HISTÓRICO DE REMANSO

Remanso é um povoado situado próximo a BR – 226 no município de Grajaú – MA, é um lugar que a maioria da população é advinda de São Pedro dos Cacetes, no povoado moram aproximadamente 2.000 pessoas onde parte trabalha prestando serviço para a prefeitura em sua maioria na área da educação, os idosos também contribuem com a renda do lugar pois estão em grande número, na agricultura o que predomina é o cultivo da mandioca e de feijão. Segunda relata Coelho (2002), ao saírem de São Pedro os moradores teriam direito a uma indenização, que foram consideradas por alguns moradores e políticos como sendo irrisória e aquém dos valores das suas benfeitorias, todo esse processo envolveu tanto a FUNAI como o INTERMA, INCRA, prefeitura de Grajaú, alguns políticos como na época a candidata ao governo do estado Roseana Sarney.

Alguns moradores de São Pedro saíram de lá apenas coma a indenização sem acreditar que seriam remanejados para outro lugar, e outros sem acreditar que estavam dentro de terras indígenas, partindo para cidades próximas como Grajaú, Imperatriz e Barra do Corda, o local para onde iriam já estava sendo providenciado e até ao final do ano de 1997 todos estariam em uma nova terra com implementação de atividades produtivas e indenizados, mesmo com tudo isso cerca de 35 moradores foram lesados na avaliação de suas terras, uns receberam uma quantia inferior e outros uma quantia acima do que se tinha, a autora também relata que a FUNAI possa ter agido com mais pressa no que se refere a saída das pessoas de São Pedro devido a pressão imposta pelos índios que estavam organizados.

Há relatos de pessoas que dizem terem sido ameaçadas por índios e também de índios que dizem terem sido ameaçados por moradores, sendo que os índios tinham acesso ao São Pedro e os rumores de uma suposta invasão estavam correndo no local, muitas pessoas tinham medo de que acontecesse o mesmo que ocorreu em Alto Alegre a alguns anos atrás sendo que os índios só estavam atrás de seus direitos de uma terra que era deles. Coelho (2002) relata um depoimento de uma Guajajara que diz que eles não querem briga, queriam apenas uma terra limpa que a constituição garante a eles esse direito e que alguns moradores queriam que isso fosse revisto pela constituição. Políticos também se envolveram bastante nesse processo de desocupação das terras, houve denúncias de que havia trocado o voto pela garantia da permanência na terra. O novo lugar para onde iriam seria chamado de Remanso que quer dizer “cessação de movimento, parada, pausa, paz, sossego, tranquilidade, quietação”.

Até hoje há traços desse conflito em Remanso por parte de algumas pessoas do lugar especialmente daqueles moradores mais antigos que viram de perto o que aconteceu, como foi a

saída das pessoas de lá. Remanso é um lugar geograficamente bem estruturado, com bom acesso à cidade de Grajaú, próximo ao rio Mearim, onde aos fins de semana a uma grande demanda de visitantes que procuram lazer no Rio, é importante ressaltar que grande parte das terras que ficam situadas próximas ao rio foram vendidas para pessoas de fora como de Grajaú e até mesmo de outros estados.

A DIVERSIDADE INDÍGENA NA ESCOLA

No que tange a diversidade indígena na escola, Gusmão (2000, p.10) retrata que “os vários rostos que nos olham, revela um pouco de nossa diversidade social e cultural, apontando para diferentes formas de ser, estar, e se pensar como parte dessa realidade chamada Brasil”

Esses vários rostos relatados por Gusmão, me faz olhar para a realidade das escolas de Remanso com mais atenção no que se refere a educação das crianças e jovens que serão os futuros adultos desse lugar, quando uma educação é pobre de conhecimento de história de cultura, irá formar adultos pobres de conhecimento, a menos que cada indivíduo busque além do que se tem em casa, que saia para fora em busca de crescer e poder mudar a realidade em que está inserido.

A diversidade indígena na escola é coberta muitas vezes por preconceitos que vão além do que se pode imaginar, muitas vezes passados pelos próprios professores que não repassam para os alunos quem são realmente os índios, muitos têm essa curiosidade que fica escondida e a até mesmo camuflada pelo medo, que é repassado junto com o preconceito estabelecido pelo aprendizado do professor.

Não são as características físicas que dizem quem realmente é índio, não é preciso ter cabelo liso, pele escura, usar pena, andar com o corpo pintado para ser índio, e nem ser preciso provar com documentos quem realmente é de fato um indígena. Os preconceitos aparecem nesses pequenos detalhes que muitas vezes passam por despercebido aos nossos olhos. É possível você conviver com uma pessoa durante muito tempo sem saber que essa pessoa é indígena, a aparência não precisa fazer toda a diferença, o que realmente importa é se de fato aquela pessoa se considera parte de determinada cultura pertencente a uma etnia ou não, o que importa é ser respeitado pelas suas particularidades e não se sentir oprimido pela sociedade em que está, todos temos direitos e deveres e é com esses direitos que devemos viver juntos em uma mesma sociedade. A realidade do Brasil é uma verdadeira mistura de cores, culturas, etnias, classes sociais, e é nessa que o branco o preto o índio muitas vezes são considerados como diferentes como os outros, a história do Brasil é contada

e nela os negros e índios são claramente bem especificados, mas será que é da forma correta? O negro com escravo e pobre e o índio como selvagem e preguiçoso? Será que é essa a verdade, aquela que dá lugar e destaque apenas ao homem branco? Os professores precisam ter cuidado ao repassarem para seus alunos uma visão que transmite preconceito e racismo, que colocam pessoas em um lugar que elas não merecem apenas pelo fato de ser negro ou índio.

Gusmão (2000) também vem trazendo a importância de ensinar as crianças o respeito mútuo entre os diferentes e a escola é um lugar propício para isso, para tanto o professor precisa se munir de conhecimento, bom senso, criatividade e não deixar absorver as coisas que tirem o foco do ser educador, que antes de tudo é gente ser humano como qualquer outro. A partir do momento que escolhe ser professor a sua vida toma um rumo que as suas atitudes e escolhas não vão influenciar apenas a própria vida, mais de seus alunos que lhe tem como espelho e reflexo de conhecimento.

A ESCOLA EM REMANSO COMO UM ESPAÇO DE FRONTEIRA INTERÉTNICA

Aqui se pretende analisar a escola como um espaço de fronteira interétnica (BARTH, 1998), onde há espaço para o índio e o negro. Proponho analisar as escolas de Remanso buscando perceber como é aplicada a Lei 11.645/08. Começo aqui dando ênfase em Barth (1998) quando fala que a cultura dá suporte para a aprendizagem, conviver com diferentes grupos étnicos possibilita uma interação e nessa interação com os demais aparecem as diferenças e é nessas diferenças que a identidade de cada ser vai se formando, daí a importância do convívio de alunos negros e índios e de uma educação que dá espaço e suporte para essa diversidade.

Neste trabalho questiono se nas escolas de Remanso estão sendo aplicada a lei, levando também em consideração a realidade do lugar, esse é um dos pontos importantes dessa pesquisa, tendo em vista o passado do lugar que trás até hoje marcas de um conflito de terras entre índios e não índios. Será que essas marcas recaem sobre a educação?

Em um texto de Oliveira (2016), ela coloca que a escola deve contemplar a diversidade ou pluralidade étnica – racial, levando em consideração a realidade local e a história nacional. Para tanto é observado nas entrevistas dos professores que isso não se aplica a realidade de Remanso. Nas entrevistas feitas com quatro professores, dois da rede estadual e dois da rede municipal, pode ser percebida essa realidade, é possível notar que as respostas dos professores da rede estadual são semelhantes e os da rede municipal também. Os da rede estadual irei denominar de 1 e 2 e os da rede municipal de 3 e 4.

O PROFESSOR 1 diz que trabalha essa questão de índios e negros dentro do conceito de multiculturalismo e também no dia da consciência negra, onde a escola promove um evento que envolve os alunos. Já o PROFESSOR 2 diz que sente vontade de trabalhar o ensino da história e da cultura indígena e afrodescendente, só que sente falta de apoio por parte do governo e da direção da escola em promover formação e até mesmo uma disciplina que possa abranger esses pontos, diz que em sua disciplina procura estar fazendo sempre uma ligação que as envolva, e que pretende elaborar um projeto que comece a ensinar desde cedo a cultura e a história dessas duas “raças tão ricas” dando ênfase aos índios que fazem parte da história do lugar, ensinando suas danças, músicas, artesanatos, jogos, brincadeiras e sua língua que também faz parte do nosso vocabulário.

O PROFESSOR 3 diz que não conhece ou não se recorda dessa lei e que trabalha sobre isso apenas no dia do índio. Já o PROFESSOR 4 diz que não trabalho a história e a cultura indígena em sua sala de aula fica com receio devido o conflito existente no passado envolvendo índios e a população de São Pedro dos Cacetes agora chamada de Remanso, e que a algum tempo houve resistência por parte de uma moradora do lugar que não aceitava a neta está estudando em uma escola que também era frequentada por índios. Isso teve repercussão dentro do lugar e por algum tempo não se via a presença de índios que moram em aldeias estudando na escola, algumas pessoas chegaram a pensar que a escola não aceitaria índios

Apesar da fala da professora 4, e a partir de minhas observações na escola, pude perceber que há sim alunos indígenas estudando na escola, na parte da manhã há duas meninas que vem da aldeia todos os dias trazidas pelo pai para estudar, na parte da tarde também, só que esses moram em Remanso e alguns são filhos de índios com não índios, são mestiços, mas é importante ressaltar que nas aldeias próximas a Remanso há escolas. As indígenas que estudam na parte da manhã convivem normalmente com os colegas e é curioso ressaltar que mesmo não estando em uma escola só para índios não se sentem acanhadas em irem para a aula com o corpo pintado mesmo chamando a atenção dos colegas, que dizem não saber o por que delas estarem assim, e serem diferentes das outras crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do exercício de formulação desse trabalho me proporcionou uma viagem a um passado não tão distante, com Coelho (2002) pude conhecer mais a fundo histórias de conflitos de terras que ocorreram no Maranhão, em especial o de São Pedro dos Cacetes. Com Barth (1998),

aprendi que é o contato entre diferentes culturas que proporciona ao sujeito situações que ajudam na formação de sua identidade étnica ou também para de forma desvantajosa prejudicar nessa formação.

Ao analisar a aplicabilidade da Lei 11.645/08 nas escolas de Remanso, pude perceber que ela não está sendo aplicada como deveria, pois, o que se percebe é uma educação que passa por cima da cultura do índio e do negro, que não dá o devido valor a aqueles que têm tanto a nos mostrar com sua imensa riqueza cultural, além do que o Remanso esta situado em um lugar com grande número de índios ao seu redor e traz consigo uma herança dos índios.

Desta forma, concluo que há a necessidade de maiores investigações, tanto de pesquisadores, como do poder público dos motivos da não aplicabilidade da lei em Remanso. É preciso que pesquisas continuem acontecendo em especial destacando a especificidade do local para pensar de fato uma escola como espaço de fronteira (e não de preconceitos e discriminações) e u a educação para a diversidade.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 187-250.

COELHO, Elizabeth Maria B. **Territórios em confronto**: a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão. São Paulo: Hucitec, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n. 2, p. 9-28, jul./dez, 2000.

OLIVEIRA, Aldjane. **A escola como espaço de fronteira interétnica: uma análise entre os Wassú que estudam na cidade**. Disponível em: <http://luizsaveidealmeida.blogspot.com.br/2015/08/oliveira-aldjane-escola-como-espaco-de.html>.

Acessado em: 01/09/2016.